

## PRELÚDIO PARA ALAÚDE EM DÓ MENOR

*Por Juliano Guerra*

Ontem sonhei com a figueira. Meu Deus, quanto tempo. Tanto tempo desde os paraquedistas mortos – eram as folhas... – e desde o choro convulsivo olhando pro chuveiro. A água me engasgava. Eu tinha ódio de ser o filhote de Ana, a empregada contrabandeava doces do supermercado. Ana tinha cheiro de alfazema e era a marca branca de um piano que fora arrancado do centro da sala. Uma marca branca, uma ausência... De qualquer jeito, eu já contei isso tudo em outro lugar.

Eu já contei do meu cabelo escorrido e de como o Doutor – esse era meu pai – tinha voz de mercúrio cromo e me odiava veladamente, mas com constância. Isso porque eu era “a cara” de Ana, a fugitiva. Ana, a marca branca de um piano inexistente. Como toda boa família estragada, a gente tinha o “quarto das lembranças”, onde eu não podia ir. Também na estante, abaixo dos livros de medicina do Doutor, havia Ana, o espaço vazio dos livros de Ana. O que ela lera? Fora tão infeliz quanto eu naquela casa? Por isso fugiu? O Doutor não conseguia me encarar, baixava os olhos. Dois ocos na mesa de jantar. Uma figueira seca do lado de fora.

Isso, eu falava da figueira. Do meu sonho. Nele, era outra vida – mais antiga, impossível – e o Doutor, metido num casquinho dos anos setenta, plantava a figueira comigo. Eu pensava, no sonho, “Meu Deus, meu Deus, daqui a duzentos anos eu vou chorar embaixo dessa árvore!”. O cabelo dele era tão longo quanto o meu... Depois o sonho avançou pro dia em que perdemos as terras. Então eu vi, mais uma vez, o Doutor se entortar como um velhinho... Como se todas as forças da natureza agissem sobre ele, como se o mundo tivesse vencido. Aliás, acho que era exatamente isso, o mundo nos vencera.

Um padrinho picareta está eternamente assinando escrituras de terra... Jesus Cristo gargalha segurando uma Polaroid. Nas fotos, eu sou um menino plantando uma figueira. Depois estou sendo sodomizado em algum banheiro, gemendo de ódio e satisfação enquanto uma úlcera come as entranhas do velho. Poucos dias depois – outra foto – eu estou recebendo a notícia de frente pra uma tela. Um fundo azul celeste esperava qualquer coisa. Imediatamente eu soube o que era, instintivamente o pincel rasgou uma mancha vermelha, diagonal, que atravessou o quadro de ponta a ponta. Depois veio o roxo do vestido de Ana – um dia eu invadi o quarto das lembranças... – e eu chorei como se a empregada que me dava os doces tivesse morrido.

Quando a necrose nos meus braços se confundia aos galhos de uma figueira seca... Jesus Cristo era um alemão bonito e sempre meio pelado pro qual a gente se ajoelhava. Tampinhas alaranjadas flutuavam pelo apartamento – “use uma vez e destrua” – e o Doutor estava condenado eternamente a ficar entre a casa e a figueira, me olhando partir num carro

que nunca mudava de distância. Pra sempre partindo, mas – pra sempre, o tempo significando pouca coisa – atrelado a um homem velho que eu odiava e a uma árvore seca. O nome da coisa era “Uma Ferida no Céu”, me consumia.

Então voltei pra casa enfiado no meu terno preto e tendo de novo doze anos. A casa, solene e canalha, me esperava. Finalmente cumpria seu papel verdadeiro, tornava-se o que sempre fora, um abrigo para mortos, um mausoléu. O padrinho benevolente permitia o velório do Doutor naquela casa, como era sua vontade. Só então entendi que a figueira não era mais minha. Era a maldição de outro, finalmente. As folhas que caíam – criancinhas, paraquedistas... – não eram mais da minha conta. O “lar” era uma tela azul celeste com uma mancha vermelha. Uma ferida no céu. Mais uma vez: para sempre, um homem velho e sendo devorado pelo lado de dentro, que me odiava. Que me chamava pelo nome. “O menino está com tosse, Doutor”, dizia a empregada. Então ele me punha um termômetro debaixo do braço e, se eu tivesse sorte, punha também a mão na minha testa por uns poucos instantes. Essa é minha patética lembrança de afeto paterno.

Ontem sonhei com uma vida de mentira. Com a mesma casa de sempre. Um menino e um velho curvados sobre uma muda de figueira, sorrindo. Alaúdes e oboés ressoavam nesse sonho. Ana voltava e dizia “amo vocês”. A figueira fazia quinhentos anos e continuava verde e imponente, nossas três sepulturas sob ela, protegidas. A empregada punha balas sobre a minha sepultura e chorava – “foi tão moço” –, aquilo era bonito.

Acordado, vejo que pende da persiana uma tela. É um fundo azul celeste. Então uma mancha, pútrida, uma ferida. Meus pés se espalham pelo apartamento, criando raízes. Minhas veias necrosadas saltam dos braços, buscando o teto. Pássaros doentes fazem ninho na minha boca. Minhas últimas lágrimas não caem. Sou uma figueira seca.